



GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS TERMOS CULTURAIS UTILIZADOS PELAS COMUNIDADES GAYS DE BELÉM A NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Elielza Silva (UNAMA)¹
lioli-29@hotmail.com

Joseane Zarife (UNAMA)²
Joseane.zarife@gmail.com

Sueli Santos (UNAMA)³
sulaessanto@gmail.com

Thayná Novais (UNAMA)⁴
thayna2.novais@gmail.com

Tânia Dressler (UNAMA)⁵
tania_dressler@hotmail.com

Maria Ermelinda Báez Mateus
tania_dressler@hotmail.com

RESUMO: A inserção do fator social em Terminologia, afirma Tarallo (1994) ocorreu via observação aos postulados teóricos da Sociolinguística e propõe uma sistematização para a variação existente e própria da língua falada. Surge assim a Socioterminologia, que segundo Borges (2011) passa a ser defendida por vários linguistas que reconheceram que as terminologias estão sujeitas à variação. A presente pesquisa está fundamentada na Socioterminologia, por trabalhar com as variantes terminológicas das comunidades gays de Belém, levando em consideração as diferenças nos níveis de escolaridade, localidade e idade. A partir da pesquisa de campo foi possível a construção de um glossário dos termos utilizados por dois grupos gays da cidade de Belém.

PALAVRAS -CHAVES Socioterminologia; Socioleto; Bajubá.

ABSTRACT: The insertion of the social factor in Terminology, says Tarallo (1994), occurred through observation to the theoretical postulates of Sociolinguistics and proposes systematization for the existing

¹. UNAMA. Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa lioli-29@hotmail.com

². UNAMA. Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa Joseane.zarife@gmail.com

³. UNAMA. Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa sulaessanto@gmail.com

⁴. UNAMA. Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa thayna2.novais@gmail.com

⁵. UNAMA. Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa tania_dressler@hotmail.com



and proper variation of the spoken language. Thus emerges Socioterminology, which according to Borges (2011) comes to be defended by several linguists who recognized that terminologies are subject to variation. The present research is based on the Socioterminology, for working with the terminological variants of the gay communities of Belém, taking into account the differences in levels of schooling, locality and age. From the field research it was possible to construct a glossary of terms used by two gay groups in the city of Belém.

KEY WORDS: Socioterminology; Socioleto; Bajubá.

Introdução

As comunidades gays de Belém estão fazendo uso de uma linguagem particular para se comunicarem sem serem entendidos pelos demais. Esta estratégia, na verdade, tem outra motivação, que não é apenas o uso de uma gíria diferenciada e sim refletir uma aceitação maior destes indivíduos na sociedade. É notório que nos tempos atuais ainda há um preconceito em relação à orientação afetiva, assim também havendo uma rejeição a esse socioleto diferenciado, não só pela sociedade, mas também entre eles. Por esse motivo se fez a necessidade em analisar os termos extraídos dessas comunidades gays, levando em consideração um critério em particular: o nível de escolaridade. Com isso, temos dois grupos de comunidades gays, sendo um de nível superior, nível médio e nível fundamental com a finalidade de compararmos as diferenças que circulam no socioleto utilizado por estes.

Sabe-se que esses grupos costumam diferenciar-se socialmente, tanto com relação à classe social quanto a localidade e a nível de escolaridade, surgiu então a curiosidade de se pesquisar a respeito dessas diferenças. Outra questão interessante é a discriminação por parte de alguns grupos gays com relação aos termos provenientes do Bajubá, sendo por isso comum não recorrerem a sua utilização e na maioria das vezes, também excluem estes usuários.

Portanto, esta pesquisa tem por objetivo mostrar as diferenças entre esses grupos usuários do Bajubá, tendo em vista uma análise comparativa entre esses usuários, em que consiste na verificação se há ou não a presença de uma nova linguagem, própria daqueles que não usam os termos. A pesquisa foi feita através de levantamento bibliográfico para fundamentação teórica e foram feitas entrevistas com três gays de



cada comunidade, com idades entre 18 a 24 (jovem) e de 26 a 40 (adulto), sendo que o primeiro é de nível superior, o segundo de nível fundamental e o terceiro de nível médio

Referencial Teórico

Todo o grupo desenvolve uma cultura e entre estas características estão às gírias e termos culturais que dão uma identidade própria a estes. No que se referem às comunidades gays, estes adotaram uma espécie de socioleto que passou a fazer parte do seu meio social, essa linguagem específica é até hoje conhecida como Bajubá.

O Bajubá é uma mistura de palavras da língua africana (principalmente o Iorubá) em cima da estrutura do português, que os negros trazidos para o Brasil no período da escravidão encontraram para se comunicarem nas senzalas, driblando a atenção de seus senhores³.

Segundo Francisca (2012) esta linguagem é formada por dois dialetos das tribos africanas, o Nagô e o Iorubá, as expressões tinham caráter nominativo e se estendiam apenas a nomenclaturas de objetos, comidas e figuras do dia a, como menino (erê, amadê), homem (anuna, ocó, ekê) ou mulher (mapô, amapoa). Isso porque era praticado por pessoas simples ligadas às atividades de cunho doméstico, onde os personagens eram sempre os mesmos.

Assim como os negros os gays foram banidos do restante da sociedade, então eles só encontravam refúgio religioso nos terreiros de Candomblé e Umbanda, as únicas religiões da época que aceitavam a homoafetividade como algo natural do ser humano.

Em algumas fontes constam que o linguajar hoje usado pelo mundo gay teve como origem as ruas de Salvador. O Bajubá foi tomando dimensões maiores, sofrendo transformações regionais, sofrendo até alguns modernismos, perdeu a essência ligada

³<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_089.pdf> Acesso em: 13 de março de 2017.



apenas ao cunho doméstico, em alguns estados tem até outros nomes como Endaca, Bat ou Pajubá.

De uns anos para cá começou a quebrar os limites do gênero, com as sempre pioneiras mulheres. Estas que sempre frequentaram as boates gays, salões de cabelereiro, etc, acabaram por incorporar a gíria no seu dia-a-dia.

A “língua gay” passou também a ser falada por outras classes, gêneros, sofrendo naturalmente uma série de modificações como acontece com toda língua viva ao passar do tempo, por vezes nota-se usos desconexos e errôneos da gíria.

As línguas possuem muitas variações linguísticas, variações essas, que podem ser entendidas por meio de sua história no tempo e no espaço. E em um país como o Brasil, que é cheio de miscigenação, não causa admiração que existem vários tipos de dialetos, os mais variados. Isso mostra que a língua não é imutável e que ela se adapta ao meio e a necessidade de comunicação. E é indispensável se abrir positivamente para essas várias linguagens que surge no seio de uma sociedade.

Quando queremos ampliar nosso conhecimento da língua portuguesa e da realidade linguística do nosso país, precisamos, antes de qualquer coisa, aprender a nos maravilhar com a diversidade que aqui existe. Precisamos aprender a nos reconhecer como um país multilíngue; precisamos abrir nossos ouvidos e olhos, sem restrições e sem pré-julgamentos, para todas as variedades do nosso português; precisamos deixar que as inúmeras maneiras de falar a língua ressoem tranquilamente em nós e encantem o nosso coração. (FARACO, 2008)

Como vimos, a linguagem Bajubá nasceu com essa necessidade de comunicação e também como forma de identidade e resistência, principalmente porque vivemos em uma sociedade muito preconceituosa que obriga as pessoas a formarem grupos, como uma maneira de sentirem-se incluídos de alguma forma.

Como são excluídos socialmente, principalmente os mais pobres, os gays acharam no candomblé a liberdade e proteção para viverem suas diferenças. A ida dos gays para os terreiros faz com que haja a junção de duas comunidades diferentes, daí



surgiu uma nova, que é a linguagem Pajubá, ou seja, eles se apropriam de uma linguagem para criar outra. A partir de então essas gírias vão se incorporar na sociedade.

A nossa sociedade ignora os milhares de socioletos que surgem dentro do Brasil, cada segmento da sociedade adquirir um modo de falar diferente e isso deve ser levado em consideração, pois mostra como é rica nossa língua. A visão estereotipada de que existe apenas uma língua padrão, cega o ser humano e o impede de olhar para dentro da nossa história e cultura.

Devemos reforçar que socioletos não são erros, são linguagens que foram criadas a partir de outras línguas. São identidades de um determinado grupo e é decorrente de vários fatores culturais e sociais.

Sabemos que as variações linguísticas são diversas em todo Brasil, e que as diferentes formas de relações sociais podem fazer surgir diferentes sistemas linguísticos. A sociolinguística, como sendo uma subárea da linguística vem nos ajudar a compreender melhor os empregos linguísticos da sociedade, levando em consideração a situação em que a fala é produzida e se encarregando de estudar esses diferentes códigos.

Esses códigos linguísticos serão responsáveis pela informação das quais o grupo deseja transmitir, ou seja, se comunicar. Essas diferentes relações e esses diferentes sistemas linguísticos criaram uma fala para os gays, foi através da interação com o povo do candomblé que eles formaram seu socioleto, pois é inevitável a transformação de uma língua em contato com outra.

No que diz respeito à sociolinguística, esta analisa a situação que a frase é produzida, e suas interfaces sociais, porém essa análise fica mais clara quando observadas dentro de um diálogo. Assim fica fácil o entendimento do contexto histórico que pode estar por trás de uma situação de fala. Pois dependendo da forma que um indivíduo fala, é possível perceber sobre sua personalidade, sua educação, de onde ele é, de sua estrutura social etc.



Por tanto, podemos compreender com a ajuda dos estudos da sociolinguística, que tanto a linguagem dos gays e dos negros, se entrelaçam por motivos históricos de preconceitos e de discriminações. Ambos os grupos se utilizam de aspecto sintático, semântico, fonológico, fonético, e transmitindo assim uma forma de significados de enunciados peculiares a eles.

O vínculo entre um grupo de pessoas só acontece, pelo compartilhamento de perspectivas de mundo similares, seja esse conjunto os fiéis de uma religião, torcedores de um time de futebol, etc.

Equitativamente, a unidade de uma junção de pessoas é reflexo da maior ou menor compatibilidade que há entre o modo de interpretar o mundo que possuem seus participantes.

As palavras, como modo para estruturar e expressar esses sentimentos coletivos, são de fundamental importância na manutenção da coesão do grupo, já que será por meio delas que os indivíduos poderão partilhar valores e experiências. Por essa razão, a seleção das palavras, dentro de uma reunião de pessoas, define e é definida pelas interpretações de mundo comum entre os indivíduos.

Mikhail Bakhtin, em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, esclarece que as próprias palavras não existiriam se não houvesse os grupos

Os signos só podem aparecer em terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN, 2006).

Dentro de um grupo, o uso habitual de certas palavras, refletindo os sentidos que seus indivíduos atribuem às coisas, faz com elas ganhem prestígio, criando-se um vocabulário. No mesmo processo, outras podem entrar em um índice de expressões



proibidas, pois refletem valores contrários aos pregados pela maioria. (CRISCIO; CARVALHO; BURANI, 2009)

A implantação de um conjunto de palavras também pode servir como meio de reconhecimento e proteção dentro do grupo. O cidadão que não domina o vocabulário naturalmente denuncia sua falta de conhecimento dos valores compartilhados e pode ser suprimido do convívio em comum. Concomitantemente, uma pessoa desconhecida que manifeste domínio do vocabulário será facilmente aceita.

Conscientes desse mecanismo, muitas vezes os constituintes do grupo intencionalmente utilizam palavras mais difíceis, forçando a existência de uma seleção entre os que conhecem e os que ignoram o vocabulário.

De acordo com o nível de isolamento, bem como a idade do grupo e até do contraste entre os valores dele e os do restante da sociedade, o vocabulário comum pode se distanciar da língua já utilizada por seus integrantes, tornando o uso de certas palavras incompreensível para quem não faz parte das comunidades.

É o caso do Bajubá. Utilizada pelos grupos que se classificam como GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), essa língua já não pode ser entendida por quem fala português. Pelo número e variedade de palavras, em maio de 2006 o código utilizado pelos homoafetivos ganhou seu primeiro dicionário, batizado de “Aurélia”.

Glossário

Aquenda – [pegar] -

S.f. Quando se está falando que tem um homem gato do outro lado da rua.

Aquenda a mapô.

Var. Sexo, Presta atenção, Égua.



Aquendar – [fazer sexo]

S.f. Fazer o ato sexual.

O oco quer aqué pra aquendar a mona cá.

Achodára – [Roupa bonita]

S.f. Vestimenta.

Aquenda o ocó, mona ele tá de achodára.

Achomati - [Roupa feia, Roupa horrível]

S.f. Vestimenta.

O ocó tá com um achomati.

Akué – [dinheiro]

S.f. Se referir a dinheiro.

O ocó quer akué.

AG1- [Comida]

S.f. Se referir à comida.

O AG1 é odára.

Babado – [Algo legal]

S.m. Caso amoroso ou sexual.

E aí mona, tu vai fazer o babado com o ocó hoje?

Var. Novidades, fofoca.



Bofe – [homem, rapaz, garoto]

S.m. Se referir à pessoa do sexo masculino.

O bofe é odara.

Corre Corre – [Carro]

S.m. Se referir a meio de transporte.

Aquenda a mona tá de corre corre.

Ekuê – [mentira]

S.f. Engano ou coisa falsa.

Mona tu tá de ekuê.

Var. Papo furado.

Izala – [fome]

S.f. Para se referir à fome.

Mona a mona cá tá com izala.

Mapô – [mulher, menina]

S.f. Para se referir ao sexo feminino.

Aquenda a mapô.

Var. Amapôa.

Mona – [Mulher, Gay]



S.f. Mulher, mas frequentemente usada para denominar homossexual.

Mona ele tá de achodára.

Var. Irmã.

Mona cá – [eu]

S.f. Para se referir a minha pessoa.

Mona a mona cá tá de ekuê.

Mona lá – [você]

S.f. Para se referir a sua pessoa.

Mona lá o babado é forte.

Ocó - [homem]

S.m. Mais uma das várias expressões para homem.

Tu vai fazer o babado com o ocó?

Odára – [Bonito]

S.m. Para se referir a homem atraente.

Aquele bofe é odara!

Var. Gostoso, grande.

Obô – [Bumbum, bunda, nádegas]

S.f. Se referir aos glutes.

Ocó tem o obô odára.



Ocanha – [Pênis]

S.f. Se referir ao órgão genital masculino.

Aquenda a ocanha do ocó.

Quitatá – [vagina]

S.f. Referir-se ao órgão genital feminino.

A mapô tem uma quitatá odára.

Quanto – [Preservativo]

S.m. Para falar de proteção sexual.

Aquenda só se for de quanto.

Consideração

A linguagem adapta-se a qualquer meio no qual ela seja ferramenta de comunicação. Daí sua natureza dinâmica e variada. Os vários grupos sociais ao se organizarem, buscam novas linguagens para se identificar e se reconhecerem como pertencentes ao grupo. Nesse sentido, os termos utilizados pelas comunidades gays são diferenciados e possuem uma gama de significados que os ajudam a se comunicar sem interferência de terceiros, bem como lhes serve como instrumento de proteção e resistência. Porém, mesmo entre eles, surgem contrastes de naturezas sociais, culturais e até mesmo financeiras, onde o grau de escolaridade pode ser determinante para a linguagem. Essa ruptura interna provocou o surgimento de vários termos, dentro de uma mesma comunidade.

Verificou-se que alguns grupos, apresentam rupturas e são rejeitados por certos indivíduos da comunidade gay. A causa maior disso revelou ser o socioleto utilizado, já



que alguns grupos de nível de escolaridade superior recusam-se a usar a variante usada pelos grupos de menor escolaridade e como consequência passaram a discriminar esses indivíduos. Portanto, alguns dos gays mais escolarizados se recusam a usar estes termos por razões de exigência social e por diferenças culturais também.

Também percebemos em nossa pesquisa que alguns desses grupos que não utilizam o Bajubá, possuem uma linguagem própria, conhecida pela língua do P. Essa é uma cifra fonética, geralmente utilizada por crianças, de substituição simples que consiste em se introduzir a consoante P seguida pela vogal precedente e algumas consoantes - como o m, n, r, s, de cada um dos fonemas da frase.

Não nos aprofundamos muito nessa questão socioterminológica da língua do P, pois necessitaria uma pesquisa mais aprofundada para levantar os dados a respeito dessa língua utilizada por esses grupos, mas conseguimos alguns exemplos de frases para que se entenda como funciona esse processo linguístico. Por exemplo a frase: *'Quando eu era criança, usava muito a língua do P para falar com meus irmãos.'* Ficaria: *'Panquan podo peueu pee para picri panan paça, puu pasa pava puimui poto paa pinlin puagua podo pePe papa para pafa parlar pomcom peme pusur pirir pãmã posos'*.

Vale ressaltar que similarmente, nos países vizinhos do Brasil onde predomina o idioma espanhol, pratica-se o Jeringonzo que também é chamado de Jeringoncia e Jeringonza no qual pode ser expresso em diferentes formas dialetais. Vale notar que até existe literatura produzida nestas línguas. Também existem clubes de aficionados (ver abaixo na seção de Link Externos). Apesar de terem surgido na Europa, e no caso do MatteänGLISH mais especificamente na área de Berna, na Suíça, existem falantes desses idiomas 'construídos' em vários países do mundo para onde imigraram europeus de origem teuta (i.e. Brasil, Estados Unidos, etc.).

Portanto, para concluir esta linha de e pesquisa chegamos a conclusão que há de fato o preconceito social por parte dos homossexuais de nível superior com relação aos de nível fundamental e médio, entretanto há alguns homossexuais de nível superior que utilizam o Bajubá assim como também há alguns de nível fundamental e médio que não o utilizam. Como Tarallo (1994) ressaltou que há uma sistematização para a variação



existente e própria da língua falada, foi possível perceber em nossa pesquisa exatamente isso.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 12^a Edição – 2006.

BOIOLOL – **As gírias das gay**. Disponível em: <<http://lolhehehe.com/boiolol-as-gurias-das-gay>> Acesso em: 03 de março de 2017.

BORGES, Luciane Chedid Melo. **Os termos da meliponicultura: uma abordagem socioterminológica**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CRISCIO, T.; CARVALHO, M. F.; BURANI, T. **Linguagem das tribos: os homossexuais**. Publicado em 01/08/2009. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/entretextos/exibir.php?texto_id=87> Acesso em: 13 de março de 2017.

DIEGO, Héilton. **A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade**. Temática. Ano XI, n. 02 - Fevereiro/2015 - NAMID/UFPB. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>> Acesso em: 06 de março de 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: um nome, muitas línguas: Salto para o Futuro**. Ano XVIII boletim 08 - Maio de 2008. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-escola/apoio/Portugues-um-nome-muitas-linguas.pdf>>. Acesso em: 13 de março de 2017.

FRANCISCA, Darkyana. **Varição Linguística em sala de Língua Portuguesa: uma abordagem etnográfica**: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_089.pdf> Acesso em: 13 de março de 2017.

OLIVEIRA, Fernando. **A influência da linguagem do candomblé no falar dos homossexuais: A língua como resistência**. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli | V. 2, N. 3, set.-dez, 2013, p. 3-12.

SANTOS, Juicy. **Dicionário Gay traduzido para Heteros**, 2013. Disponível em: <<https://www.juicysantos.com.br/vida-caicara/lgbtt/dicionario-gay-traduzido-para-heteros/>> Acesso em: 03 de março de 2017.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 24 • Mar 2018/

THE IBLOGAY. Não é nenhuma equê dizer que os bafõesaquendam qualquer um!
Disponível em: <<https://iblogay.wordpress.com/2013/02/19/conheca-as-gurias-do-mundo-gay/>> Acesso em: 03 de março de 2017.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1994.

Recebido Para Publicação em 07 de janeiro de 2018.

Aprovado Para Publicação em 27 de março de 2018.